

# Bancos buscam solução para crise

por Anatole Kaletsky  
do Financial Times

O perdão parcial da dívida de nações do Terceiro Mundo, acompanhado de novos créditos, poderá ser essencial para uma solução permanente do problema de débito mundial, disse, pela primeira vez, um grupo que inclui importantes banqueiros comerciais norte-americanos.

Essa conclusão inovadora, que evidencia a crescente impaciência da comunidade financeira norte-americana em relação às atuais abordagens da questão da dívida do Terceiro Mundo, foi da autoria de um grupo de destacados financistas e representantes das nações em desenvolvimento. A comissão foi copresidida por Anthony Solomon, ex-presidente do Federal Reserve Bank (Fed) de Nova York; Rodney Wagner, vice-chairman do Morgan Guaranty Trust, e também contou com a participação de William Rhodes, principal negociador de dívidas da Citicorp.

Numa significativa indicação das divergências de opiniões que têm surgido na anteriormente unida comunidade banqueira, Rhodes, que desde 1982, tem sido figura dominante em todos os reescalonamentos de dívidas do Terceiro Mundo, endossou as conclusões gerais do relatório preparado pela comissão, mas acrescentou algumas reservas suaves.

Outros importantes credores internacionais, incluindo Wagner, do Morgan, e Thomas Johnson, presidente do Chemical Bank, deram ao relatório seu integral apoio. Entretanto, Susan Segal, representante do Manufacturers Hanover Trust, o banco norte-americano que mais sofreu em consequência dos cancelamentos de dívidas do Terceiro Mundo, recusou-se a assinar o documento e fez um comunicado no qual rejeitava qualquer "aplicação ampla" de reduções no serviço da dívida "mesmo numa base cooperativa e negociada".

A comissão, que se reu-

nii durante seis meses sob os auspícios da Associação das Nações Unidas (UNA) norte-americana, disse que a redução voluntária do serviço da dívida deveria ser perseguida como uma alternativa séria e como um complemento para novos empréstimos "não apenas porque ajudaria as nações deveedoras mas porque poderia também resultar em consideráveis benefícios para os bancos credores, apesar dos prejuízos sofridos".

O relatório rejeitou especificamente o argumento de que a negociação de dívidas desestimularia a concessão de futuros créditos para as nações em desenvolvimento. Esse argumento tem constituído importante pilar nas políticas para as dívidas promovidas no passado pelos bancos e autoridades do governo norte-americano, inclusive James Baker, o antigo secretário do Tesouro. O relatório da UNA concluiu, pelo contrário, que a redução das dívidas, negociada conjuntamente, levaria as nações em desenvolvimen-

to "mais cedo do que tarde" a uma situação em que elas obteriam novos créditos.

## PRESSÃO

A comissão indicou, entretanto, que os bancos provavelmente não concordariam com os esquemas significativos de redução de débitos sem maior liderança dos governos das nações industrializadas. Acrescentou que as garantias parciais de renegociação de débitos por governos ocidentais ou instituições multilaterais como o Banco Mundial (BIRD) deveriam ser utilizadas para estimular os bancos a aceitar os prejuízos decorrentes do cancelamento de dívidas.

Eles também argumentaram que nenhuma fórmula única poderia solucionar os problemas da dívida de cada nação deveadora. A única abordagem prática seria "uma série de esquemas diferentes de redução de dívidas, negociados individualmente e caso por caso", disse ontem durante uma entrevista coletiva Solomon, atual "chairman" do banco S. G. Warburg USA.